

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE ECONOMIA

DAVI DE PAULA ABREU FILHO

INOVAÇÃO NO SISTEMA FINACIERO: O PAPEL DAS FINTECHS

JUIZ DE FORA - MG
2023

DAVI DE PAULA ABREU FILHO

INOVAÇÃO NO SISTEMA FINACIERO: O PAPEL DAS FINTECHS

Monografia apresentado ao curso de Ciências
Econômicas da Universidade Federal de Juiz de
Fora, como requisito para obtenção do título de
bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Eduardo Gonçalves

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

de Paula Abreu Filho, Davi .
INOVAÇÃO NO SISTEMA FINACIERO: O PAPEL DAS
FINTECHS : INOVAÇÃO NO SISTEMA FINACIERO: O PAPEL
DAS FINTECHS / Davi de Paula Abreu Filho. -- 2023.
34 p.

Orientador: Eduardo Gonçalves
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Economia, 2023.

1. Inovação . 2. Mercado Financeiro . 3. Fintechs. I. Gonçalves,
Eduardo, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
REITORIA - FACECON - Depto. de Economia

FACULDADE DE ECONOMIA / UFJF

ATA DE APROVAÇÃO DE MONOGRAFIA II (MONO B)

NA DATA DE 15/12/2023, A BANCA EXAMINADORA, COMPOSTA PELOS PROFESSORES

1 – EDUARDO GONÇALVES - ORIENTADOR; E
2 – ROGÉRIO SILVA DE MATTOS,

REUNIU-SE PARA AVALIAR A MONOGRAFIA DO ACADÊMICO **DAVI DE PAULA ABREU FILHO**,

INTITULADA: **INOVAÇÃO NO SISTEMA FINACIERO: O PAPEL DAS FINTECHS.**

APÓS PRIMEIRA AVALIAÇÃO, RESOLVEU A BANCA SUGERIR ALTERAÇÕES AO TEXTO APRESENTADO, CONFORME RELATÓRIO SINTETIZADO PELO ORIENTADOR. A BANCA, DELEGANDO AO ORIENTADOR A OBSERVÂNCIA DAS ALTERAÇÕES PROPOSTAS, RESOLVEU **APROVAR** A REFERIDA MONOGRAFIA



Documento assinado eletronicamente por **Eduardo Goncalves, Professor(a)**, em 15/12/2023, às 11:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rogério Silva de Mattos, Professor(a)**, em 15/12/2023, às 16:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1630750** e o código CRC **2FD294D5**.

RESUMO

Esse trabalho, de caráter qualitativo, contribui com um estudo comparativo de diversas *fintechs* que atuam no Brasil, avaliando aspectos de inovação utilizados, para se tornarem mais competitivas no mercado. Para a realização desse trabalho, foram realizadas ampla revisão bibliográfica e recuperação da historiografia sobre o sistema financeiro. A sistematização de ideias contribuiu para entender a trajetória histórica que conduz o Brasil, até o momento atual, a uma ampla gama de serviços financeiros oferecidos para a população. Os resultados mostram que inovação no mercado financeiro tem levado à desconcentração bancária, aumentando o número de player no mercado e a competição no mercado financeiro.

Palavras chaves: FINTECHS, Inovação, Economia, Mercado Financeiro.

ABSTRACT

This work, of a qualitative nature, contributes to a comparative study of several fintechs operating in Brazil, evaluating which aspect of innovation they use to become more competitive in the market. To carry out this work, an extensive bibliographical review was carried out and the historiography of the financial system was resumed, to understand the historical trajectory that has led Brazil to the present moment, with a wide range of financial services offered to the population. The results show that innovation in the financial market has expanded the country's economic development.

Keywords: FINTECHS, Innovation, Economy, Financial Market.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: FINTECHS E SUAS CATEGORIAS

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	9
2.	INOVAÇÃO ECONÔMICA	10
3.	INOVAÇÃO NO SISTEMA FINANCEIRO BRASILEIRO AO LONGO DA HISTÓRIA	16
4.	A MUDANÇAS DAS FINTECHS NO SISTEMA FINANCEIRO BRASILEIRO ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.	
	CONCLUSÃO.....	28
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

1. INTRODUÇÃO

Os anos iniciais do século XXI implicaram uma mudança no mercado financeiro sem precedentes, impulsionada principalmente pelo avanço tecnológico e a crescente adoção de serviços financeiros digitais. Feitosa (2021) destaca que a tecnologia passa a ser vantagem competitiva para o mercado financeiro, bem como estratégia de inovação e sustentabilidade empresarial no mercado. Essa revolução tem sido sobretudo liderada pelas *fintech* e *startups* financeiras, que têm imposto maior concorrência às instituições financeiras tradicionais, já que oferecem soluções inovadoras e acessíveis para uma ampla gama de serviços financeiros para um público que busca mais facilidade para sua vida. Ainda segundo Feitosa (2021), essas mudanças têm gerado um interesse crescente em entender o impacto das *fintechs* e a inovação no mercado financeiro contemporâneo.

Apesar ainda de não existir uma definição geral para o que é uma Fintech, até porque existem várias categorias da mesma. De acordo com o Banco Central do Brasil (2023), são instituições que por meio de plataformas online e serviços digitais inovadores, introduzem mudanças no mercado financeiro por uso intenso de tecnologia. Sendo elas subdivididas em *fintechs* de crédito, de pagamento, de gestão financeira, empréstimo, investimento, financiamento, seguro, negociação de dívidas, câmbio e multisserviços.

Segundo dados do *Inter-American Development Bank* (2022) sobre o mercado financeiro na América Latina, o Brasil mantém sua posição como líder na região em termos de quantidade de empresas iniciativas e *startups* no setor de *fintech*. Representando 31% do total de *fintechs* na região, o país supera o México, que possui 21%, e a Colômbia, com 11%.

Nesse cenário, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar a estratégias das *fintechs* na inovação do mercado financeiro, bem como compreender como essas empresas estão redefinindo o cenário tradicional das finanças, além de avaliar se essas mudanças tendem a ser duradouras. Além disso, buscamos identificar os desafios e oportunidades enfrentados por essas *fintechs* no processo de transformação do setor financeiro.

Considerando, portanto, que o mercado financeiro está sendo cada vez mais influenciado por inovações tecnológicas, e as *fintechs* desempenham um papel crucial nesse processo, há uma série de questões a serem consideradas. Assim, essa pesquisa tem como fundamento as

seguintes perguntas de pesquisa: Como as fintechs estão alterando a dinâmica tradicional do setor financeiro? Quais são os desafios regulatórios e de segurança que enfrentam? Qual é o impacto dessas mudanças na inclusão financeira e na acessibilidade aos serviços financeiros? Como o mercado de criptoativo e moedas descentralizadas afetam o mercado financeiro tradicional?

Essa pesquisa se justifica por ser um tema atual, ainda pouco explorado pela literatura, já que é essencial avaliar o impacto das fintechs e sua contribuição para a modernização do setor financeiro. Além disso, este trabalho pode oferecer novas percepções para órgãos reguladores, instituições financeiras tradicionais e empreendedores que desejam participar desse cenário em constante transformação.

A coleta de dados empíricos envolverá um levantamento extensivo de informações sobre cada fintech nas categorias determinadas. O objetivo da pesquisa será identificar qual a inovação que cada uma delas agrega ao mercado financeiro brasileiro e quais produtos ou serviços inovadores oferecem à população.

A presente monografia explora o tema "Inovação no Sistema Financeiro: O Papel das Fintechs". Inicialmente, a seção "Inovação na Teoria Econômica" proporciona uma visão geral sobre a evolução do pensamento econômico em relação à inovação, contextualizando o cenário teórico que fundamenta a compreensão das transformações no sistema financeiro. Em seguida, a seção "O Papel das Fintechs no Sistema Financeiro Brasileiro" analisa de forma concisa o impacto e a contribuição das Fintechs no cenário financeiro nacional, destacando como essas empresas disruptivas têm alterado a dinâmica tradicional do setor. Por fim, a seção "Inovação no Sistema Financeiro Brasileiro ao Longo da História" oferece uma breve retrospectiva histórica, delineando as principais inovações que marcaram a trajetória do sistema financeiro brasileiro e analisando alguns dos players nesse setor no Brasil.

2. INOVAÇÃO NA TEORIA ECONÔMICA

Segundo Plonski (2017), há apenas duas décadas atrás, a inovação estava quase exclusivamente associada ao setor secundário da economia, especialmente ao lançamento de produtos industrializados de alta tecnologia e mudanças nos processos de fabricação. Hoje, a inovação é desejada em todos os setores da economia e em diversos segmentos da sociedade. Isso inclui notavelmente os governos, que buscam inovações na gestão pública para atender às crescentes expectativas dos cidadãos, mesmo em um contexto de recursos limitados e falta de confiança nos governantes. A complexidade do processo de inovação advém das interconexões

necessárias para que uma nova ideia seja aceita e difundida. Como resultado, a criação de realidades transformadoras pode levar mais tempo do que inicialmente esperado. Um exemplo disso é o período decorrido entre as primeiras trocas de mensagens eletrônicas entre pesquisadores na década de 1960, graças aos avanços na computação compartilhada, e a disseminação do correio eletrônico, que só se tornou comum a partir de 1996. Essa inovação, que hoje é parte integral do cotidiano da população, exigiu uma combinação de fatores, tanto tecnológicos como legais. Para Plonski (2017, p.21) aponta que “(...)a inovação não é um fenômeno uno, mas um gênero múltiplice de iniciativas humanas. Essas iniciativas visam, de forma cada vez mais metódica, à criação de novas realidades. Ocorre que essas realidades atendem a determinados interesses”.

Schumpeter (2021) é uma das mais importantes contribuições para a teoria econômica no que se refere à inovação. O autor concebeu a inovação como um processo de destruição criativa, argumentando que a inovação não se limita apenas à introdução de novos produtos ou tecnologias, mas também envolve a transformação fundamental de setores e mercados econômicos. Nesse contexto, inovar envolve a criação e lançamento de produtos ou serviços totalmente novos no mercado, com características ou benefícios inovadores. Além de produtos, Schumpeter (2021) considerou a introdução de métodos de produção mais eficientes e avançados como uma forma de inovação. Estratégias como a automação, novas técnicas de fabricação, e outras abordagens que melhoram a produtividade são exemplos disso.

A contribuição de Schumpeter (2021) para o entendimento da inovação é muitas vezes associada à ideia de que a inovação é um motor fundamental do crescimento econômico e que as empresas que conseguem inovar de maneira eficaz têm uma vantagem competitiva significativa. Sua teoria da destruição criativa argumenta que a inovação perturba e reorganiza os mercados, levando a ciclos de crescimento econômico.

Explorando mais profundamente a teoria econômica, já sabemos que ela se organiza em torno do conceito de escassez. Por isso, há a percepção de Schumpeter (2021) de que a inovação pode trazer riqueza.

Costa (2016) aponta que, atualmente, é a teoria econômica evolucionária que, com mais profundidade, discute o fenômeno da inovação. A abordagem evolucionária da perspectiva tem foco na mudança econômica e na adaptação tecnológica. Em sua tentativa de compreender as razões por trás das transformações econômicas na sociedade, essa teoria substitui os conceitos de equilíbrio e análise estática como estruturadores da pesquisa, optando por empregar as categorias de processo e mudança, ou seja, evolução. Ainda, na abordagem evolucionária, o foco está na geração de conhecimento e sua aplicação no desenvolvimento de novas

tecnologias, ampliando a diversidade de produtos, processos de produção e estruturas organizacionais superiores às já existentes. A questão central, portanto, é como as empresas lidam com as mudanças no ambiente econômico, especialmente as mudanças tecnológicas, em vez de otimizarem apenas seus objetivos individuais. As medidas de políticas econômicas devem ser direcionadas para promover a aprendizagem em diversas formas, como aprender fazendo, aprender usando e aprender interagindo, com o objetivo de criar inovações e difundi-las na economia.

Nesse contexto, conforme Costa (2016), esse processo de aprendizado, além dos esforços realizados individualmente, envolve a absorção de conhecimento gerado por outras instituições, como universidades, laboratórios públicos, consultorias independentes e também parcerias com fornecedores de bens e serviços, bem como clientes, em um processo interativo dentro dessa divisão do trabalho social. Nesse sentido, o conceito de sistema de inovação se revela mais abrangente na explicação do processo inovador e, portanto, mais promissor como orientação para políticas públicas do que o enfoque nas falhas de mercado.

Ainda segundo Costa (2016), a inovação é amplamente reconhecida como um dos principais impulsionadores do crescimento econômico e do aprimoramento das condições de vida nas sociedades. Nos últimos anos, ela ganhou destaque na agenda de políticas públicas de países, independentemente de seus estágios de desenvolvimento e também dos empresários. Na chamada "sociedade do conhecimento", que descreve o mundo atual, a ênfase nos bens e serviços, tanto em seu conteúdo quanto em seus métodos de produção, está cada vez mais centrada em fatores relacionados ao conhecimento, em vez de materiais.

Costa (2016) aponta que a política de inovação evoluiu nas últimas décadas, incorporando novas perspectivas e estratégias, graças ao fortalecimento da teoria econômica evolucionária. Os avanços teóricos provenientes desse campo de pensamento econômico proporcionaram uma visão renovada das ações governamentais relacionadas à inovação como um motor do progresso social. Essa abordagem não considera a inovação apenas como um fenômeno técnico, mas também como um processo com determinantes econômicos, o que a coloca no âmbito da teoria econômica. Isso a torna uma área de atuação e pesquisa significativa para os economistas.

Canci (2021) aponta que, na economia capitalista, o crescimento econômico está estreitamente ligado às transformações tecnológicas. As abordagens tecnológicas comumente representam essas mudanças como evoluções nas técnicas de produção ao longo do tempo. O progresso tecnológico, por sua vez, capacita a produção de quantidades maiores de bens, considerando os recursos de capital e mão-de-obra disponíveis. Essa evolução tecnológica

ocorre de forma deliberada sempre que há demanda por novas técnicas devido a mudanças no sistema econômico. O reconhecimento da importância do progresso tecnológico como um fator central no crescimento das economias levou a um interesse em investigar empiricamente a relação entre progresso técnico e seu impacto no crescimento econômico.

Ainda segundo Canci (2021), em face das mudanças no ambiente econômico e das crescentes pressões por inovação, o progresso técnico incorporado na economia ganha destaque. A ideia central é que o direcionamento da inovação é influenciado pelas forças inerentes ao sistema econômico, podendo levar a um progresso técnico adaptado para otimizar os lucros. O progresso técnico se expande à medida que novas técnicas de produção são adicionadas à tecnologia ao longo do tempo. Um dos fatos estabelecidos sobre o crescimento econômico é que o progresso técnico não afeta de maneira uniforme a produtividade do trabalho e do capital.

Ambos os estudos de Costa (2016) e Canci (2021) contribuem para essa pesquisa que aqui se desenvolvem porque discutem a inovação na teoria econômica, que nos dá pistas para entender o espaço que as fintechs ocupam na teoria econômica, na economia brasileira e no mercado financeiro. Ainda, ambos os estudos nos permitem entender o papel das fintechs em trazer desenvolvimento econômico para o Brasil, que promove a oferta de serviços financeiros inteiramente online, com pouca necessidade de intermediação humana.

Schumpeter (2021) também enfatizou a importância da inovação na exploração de novos mercados, envolvendo a conquista de novos territórios geográficos ou a criação de novos nichos de mercado. Ainda, no contexto da fintechs, a percepção de que no simples toque do celular, em qualquer lugar do planeta, o consumidor pode, por exemplo, solicitar um empréstimo ou investir na bolsa de valores.

A inovação, segundo Schumpeter (2021) pode ocorrer através da introdução de novas estruturas organizacionais ou de negócios, impactando novas formas de gestão, parcerias estratégicas, fusões e aquisições, entre outros. Temos, por exemplo, o exemplo de fintechs que não existem fisicamente, mas que todos os trabalhadores atuam de forma remota e os clientes acessam o serviço digitalmente.

Wolffenbuttel (2018) pontua que a abordagem da inovação econômica oferece a oportunidade de redirecionar o foco predominante da inovação tecnológica, que se concentra principalmente na produção e na busca por soluções tecnológicas, para incorporar a ideia da inovação como um processo retroativo de introdução de produtos, conhecimentos ou métodos de produção novos em um determinado contexto. Portanto, esse é um processo intrinsecamente ligado a um ambiente, no qual a aplicação dessas novas características acarreta consequências

econômicas nesse ambiente. Portanto, espera-se que o ambiente exerça alguma influência nessa relação, gerando não apenas novas oportunidades para inovar, mas também novas direções para o progresso. No contexto da fintechs, o que a tecnologia fez foi mediar a relação entre o consumidor e o serviço financeiro, de tal forma que o cliente pode pedir crédito pela internet ou comprar dólares por um aplicativo. Sobre isso, Wolffenbuttel (2018, p.321) traz uma interessante definição de inovação econômica:

Esta leitura da inovação econômica permite concebê-la como um processo social complexo, que pode ser influenciado tanto por arranjos de políticas públicas que visam incentivar a colaboração e o desenvolvimento de determinadas inovações, quanto por impedimentos jurídicos, políticos e culturais capazes de obstruí-la

Portanto, podemos avaliar, a partir da tese de Wolffenbuttel (2018) é que as fintechs fazem parte desse movimento social complexo, que muda a forma como se consome serviços financeiros.

Rezende, Silva e Crocco (2021) discutem que a tecnologia tem tido um impacto significativo nos serviços financeiros de diversas maneiras. Apesar de regulamentações e algumas barreiras, a concorrência no setor financeiro está aumentando. Um exemplo notável é a ascensão das fintechs, que oferecem uma ampla gama de serviços relacionados a serviços bancários de consumo, gestão de ativos e investimentos. Além disso, tecnologias como o Blockchain têm revolucionado as transações financeiras e sistemas de pagamento. Essas transformações tecnológicas permitiram aos bancos diversificar suas fontes de receita, cobrando taxas por serviços comuns, como transações de pagamento, custódia de valores, títulos e seguros. Consequentemente, os bancos alteraram suas estratégias em direção à acumulação de capital financeiro em detrimento do capital produtivo.

Rezende, Silva e Crocco (2021) apontam ainda que a Tecnologia da Informação (TI) se tornou uma ferramenta crucial para melhorar a lucratividade e a competitividade dos bancos. Isso envolve a adoção de novas estruturas operacionais para reduzir custos e a introdução de inovações financeiras que criam produtos e serviços diferenciados. No entanto, essa evolução também levou a uma separação funcional entre o capital financeiro e o produtivo. A acumulação de capital desempenha um papel ambíguo no crescimento econômico. Por um lado, a expansão dos mercados financeiros e o envolvimento crescente dos bancos podem impulsionar o crescimento ao aumentar a liquidez e o crédito. Por outro lado, a ênfase em atividades especulativas pode levar à fragilidade, à instabilidade e às crises financeiras. O sucesso das fintechs está justamente em agregar inovação nas suas cadeias de valor.

Kouam e Kingsley (2023) mostram que, na teoria econômica, há aumento significativo no papel da inovação. Esse desenvolvimento é evidente desde os modelos econômicos clássicos, nos quais a inovação não era discutida, até os modelos econômicos contemporâneos baseados na ideia de gestão do conhecimento. Torna-se claro que um compromisso com atividades inovadoras é hoje uma condição fundamental para obter uma vantagem competitiva e um requisito para manter a competitividade de uma empresa. Toda empresa que deseja progredir precisa de inovação na forma de novos produtos, tecnologias e sistemas organizacionais.

Ainda conforme esses autores, o conceito de inovação está diretamente relacionado a atividades voltadas para implementar mudanças para tornar uma organização mais moderna e competitiva. As atitudes em relação à inovação e como as empresas a criam mudam regularmente, assim como os significados, definições e abordagens teóricas para a inovação. Essas mudanças estão diretamente relacionadas ao surgimento de novos conceitos e métodos que cada vez mais definem os processos de inovação e avaliam seu impacto no desenvolvimento empresarial e no crescimento econômico. Essas novas tendências de inovação derivam dos desenvolvimentos de mercado e estão relacionadas não apenas ao processo de criação de novos produtos, mas também às mudanças nas estruturas corporativas (do ponto de vista organizacional e de marketing, isso inclui inovações não técnicas). Essas novas formas de inovação (inovação não técnica, inovação impulsionada pelo usuário, inovação aberta, inovação social) exigem novas habilidades por parte dos agentes econômicos, e para facilitar a criação desse tipo de inovação, é necessária uma política proativa de inovação.

Kouam e Kingsley (2023) que, na teoria econômica, o papel crescente que a inovação tem tomado engloba repensar regras específicas do jogo, regulamentos sociais aplicáveis, soluções legais de diversas naturezas, normas, regras e regulamentos, códigos de conduta, e regras morais e éticas que impõem diretrizes específicas de conduta aos indivíduos no processo de liderança. De fato, a criação, seleção e disseminação de novas soluções e tecnologias resultarão na necessidade de alterações nos procedimentos e padrões institucionais. Basta pensar, no Brasil, o caso da regulamentação de patentes e propriedade intelectual. Para os autores, as instituições precisam se transformar e de adaptar em resposta a cada mudança na tecnologia e nas condições socioeconômicas. Isso abrange tanto a tecnologia quanto a qualidade do equipamento técnico e o know-how técnico ou habilidades (qualificações). A existência dessa relação, com ênfase marcante na influência do campo tecnológico sobre as instituições, constitui a base da teoria de crescimento econômico atualmente. O problema da inovação se

manifesta em diversos modelos econômicos, mas, na prática, identificar a relação entre crescimento econômico, pesquisa e inovação é o desafio da teoria econômica atualmente.

3. INOVAÇÃO NO SISTEMA FINANCEIRO BRASILEIRO AO LONGO DA HISTÓRIA

Marques, Freitas e Paula (2022) apontam que o setor bancário desempenha um papel vital na economia brasileira, fornecendo financiamento para diversos setores, como agricultura, construção civil e indústria, contribuindo significativamente para o funcionamento da economia. Além de financiar a produção, os bancos atuam como intermediários entre os poupadores e os tomadores de empréstimos, facilitando empréstimos para aquisição de bens, o que é fundamental para o dinamismo econômico. Como uma pedra angular de praticamente todos os modelos econômicos do Brasil, conforme mostraremos a seguir, o setor bancário tem evoluído ao longo dos anos, adaptando-se às mudanças econômicas e ao comportamento do consumidor, especialmente com a disseminação da internet e o aumento da concorrência entre os bancos.

Durante o período colonial, não havia um o sistema financeiro no Brasil. A colônia existia para satisfazer o capitalismo mercantil e, portanto, a Cora Portuguesa, que não via a necessidade de criar aqui um sistema financeiro, já que a riqueza produzida era enviada para Portugal. A economia estava centrada na produção de açúcar, tabaco e mineração, e as transações eram realizadas principalmente por meio de trocas diretas. Sobre isso, Freddo e Vargas (2023, p. 236) explicam:

(...) a ausência de moeda no interior da colônia, que estava restrita ao setor mercantil, incentivou a criação de interligações creditícias entre moradores e diversas classes ali existentes. Cadeias de créditos e débitos, que esporadicamente eram liquidadas, foram criadas para viabilizar o comércio. Noutras palavras, o “fiado” virou instituição constituinte das relações coloniais.

Esse quadro mudou em meio às guerras Napoleônicas, com a chegada da família real portuguesa ao Brasil. Nesse momento, o primeiro banco do Brasil foi o Banco do Brasil, fundado em 1808 por Dom João VI, quando a família real portuguesa se estabeleceu no Brasil. O Banco do Brasil foi criado com o propósito de financiar as despesas do governo e promover o desenvolvimento econômico, que passa a ser interessante para a Coroa. Em 1810, o Banco do Brasil começou a emitir moeda, e essa função de emissão de moeda desempenhou um papel fundamental na estabilização do sistema monetário no país. Contudo, Freddo e Vargas (2023) apontam que, mesmo após uma mudança significativa na perspectiva econômica e política internacional do Brasil em 1808, que ocorreu com a chegada da família real portuguesa e a

abertura dos portos, a organização da economia doméstica levou mais de um século para se desvincular de seu passado e começar a impulsionar o crescimento, principalmente através da demanda interna em vez da demanda externa. No entanto, o uso da mão de obra escravizada restringia as possibilidades de consumo dos trabalhadores, o que dificultava a existência desse fluxo de renda contínuo. Portanto, a incorporação do trabalho assalariado livre na economia brasileira tinha o potencial de estimular o desenvolvimento do mercado doméstico. Além disso, os autores argumentam que a escassez de moeda em circulação e a baixa atividade no mercado interno também contribuíram para atrasar o progresso do setor financeiro na antiga colônia.

O primeiro banco privado no Brasil foi o "Banco do Rio de Janeiro", fundado em 10 de abril de 1829. Este banco foi estabelecido por empresários locais e tinha como objetivo principal financiar o comércio e as atividades econômicas na cidade do Rio de Janeiro, que era a capital do país na época. O Banco do Rio de Janeiro desempenhou um papel significativo no desenvolvimento das atividades econômicas e financeiras no Brasil durante o século XIX. A fundação do Banco do Rio de Janeiro marcou o início do estabelecimento de bancos privados no Brasil, que se tornaram parte integrante do sistema financeiro do país ao longo dos anos. A presença de bancos privados desempenhou um papel fundamental no financiamento de projetos comerciais, industriais e de infraestrutura, contribuindo para o fortalecimento da burguesia no país. Com a independência do Brasil em 1822, a economia começou a se diversificar, e novos bancos surgiram para atender às necessidades de um sistema financeiro em crescimento. A independência fortalece a burguesia no Brasil, especialmente as oligarquias do café, no sudeste do país (MEIRELLES, 2015).

Com a proclamação da República em 1889, houve esforços para modernizar o sistema financeiro, no que é chamado pela historiografia de Encilhamento (Freddo e Vargas, 2023). Novas instituições financeiras foram estabelecidas, e as atividades bancárias começaram a se expandir. Sistemas de crédito possibilitados pelo sistema financeiro possibilitavam investimentos maiores na economia agroexportadora. Entretanto, para financiar seus projetos e estimular o desenvolvimento econômico, o governo começou a imprimir grandes quantidades de papel-moeda, causando inflação e desequilíbrios na economia. Ainda, a valorização excessiva de ações e títulos financeiros levou a uma bolha especulativa que inevitavelmente estourou. Muitas empresas fictícias foram criadas apenas para emitir ações, e muitos investidores perderam grandes somas de dinheiro quando a bolha estourou. A valorização excessiva de ações e títulos financeiros levou a uma bolha especulativa que inevitavelmente estourou. Muitas empresas fictícias foram criadas apenas para emitir ações, e muitos investidores perderam grandes somas de dinheiro quando a bolha estourou.

A década de 1920 testemunhou uma crise financeira que levou à intervenção do governo nos bancos, marcando um período de maior regulamentação e controle. Entre as décadas 1920 e 1930, o Brasil enfrentou desafios econômicos, como a queda dos preços do café, que era o principal produto de exportação do país. Essa queda nos preços do café afetou as receitas de exportação e a entrada de divisas estrangeiras. Somado a isso, temos o crash na bolsa de Nova Iorque, o que tornou necessário queimar as colheitas de café. A crise financeira de 1920 foi agravada pela quebra da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro em 1920, que teve repercussões negativas no sistema financeiro e nas empresas. Muitos bancos enfrentaram dificuldades financeiras devido a investimentos em ações que se desvalorizaram. Diante da crise financeira e da instabilidade econômica, o governo brasileiro interveio nos bancos para evitar uma crise sistêmica. O objetivo era proteger os depositantes e estabilizar o sistema financeiro. Como parte da intervenção, o governo implementou medidas de regulamentação e controle mais rigorosas sobre as atividades bancárias. Isso incluiu a criação da Superintendência da Moeda e do Crédito (SUMOC) em 1926, um órgão regulador financeiro. Durante esse período, vários bancos enfrentaram dificuldades financeiras e foram fechados ou fundidos. O governo tomou medidas para reestruturar o sistema financeiro, fortalecendo as instituições mais sólidas e eliminando aquelas que estavam em situação precária. A crise financeira da década de 1920 e a subsequente intervenção do governo deixaram um legado de maior regulamentação e controle no sistema financeiro brasileiro. Essa experiência contribuiu para as mudanças das políticas econômicas e financeiras no Brasil e para o fortalecimento do papel do governo na supervisão e regulamentação das instituições financeiras, que se mantém até hoje, especialmente com o Banco Central.

Na década de 30, com o governo Vargas, há um projeto de nação para o Brasil que se organiza a partir da industrialização. Freddo e Vargas (2023) enfatizam que a velocidade com que a industrialização ocorreu resultou em uma grande demanda por financiamento, o que abriu caminho para o desenvolvimento do sistema financeiro, que, na época, era principalmente composto por bancos comerciais, e sua integração com o setor industrial. O sistema financeiro era pressionado quando a taxa de investimento das empresas excedia sua capacidade de financiar o crescimento com os lucros reinvestidos, o que era especialmente relevante durante o processo de industrialização tardia. Isso ocorreu porque, em um curto espaço de tempo, era necessário incorporar todas as etapas tecnológicas do processo produtivo. No entanto, no Brasil, as mudanças no setor financeiro não eram uma resposta direta à pressão das empresas por financiamento. Freddo e Vargas (2023, p 259):

Da metade da década de 1930 ao início dos anos de 1960, a economia brasileira apresentou altas taxas de crescimento econômico sem, todavia, haver expansão proporcional do crédito. O período caracterizou-se por desequilíbrio permanente entre oferta e demanda creditícia.¹⁵ A obtenção de financiamento com prazos alongados foi atendida via Caixas Econômicas Federais/Estaduais e por bancos públicos como o Banco do Brasil e, a partir de sua criação em 1951, o Banco Nacional do Desenvolvimento - cuja importância para o financiamento cresceu a partir do Plano de Metas do governo Kubistchek (1955-1961). Entretanto, a competição por recursos entre os entes privados e públicos (e dentro de cada um desses entre o consumo e a produção corrente), de um lado, e a formação bruta de capital fixo, de outro, levou a pressões altistas sobre os preços, que redundaram no processo inflacionário aberto no início dos anos de 1960.

Metzner e Matias (2015) ressaltam que nas décadas de 1990 e 2000, o Brasil adotou políticas de abertura econômica e liberalização financeira, o que levou a um aumento na entrada de bancos estrangeiros e à modernização do sistema financeiro. A presença de bancos estrangeiros e a competição resultante contribuíram para a modernização do sistema financeiro brasileiro. Esses bancos trouxeram práticas e tecnologias financeiras avançadas, incentivando as instituições financeiras locais a melhorar seus serviços e se adaptar às mudanças tecnológicas. O Santander, por exemplo, é um banco espanhol que adquiriu o Banco Real em 2007, tornando-se um dos maiores bancos do Brasil em termos de ativos. Metzner e Matias (2015) esclarecem que o Santander tem uma presença significativa no setor bancário e oferece uma ampla gama de serviços financeiros. Outro exemplo, é o Itaú Unibanco, que é uma fusão do Banco Itaú, que era brasileiro, com o Unibanco, que era controlado por acionistas estrangeiros. A fusão ocorreu em 2008, criando uma das maiores instituições financeiras do Brasil. Além desses bancos, muitos outros bancos estrangeiros têm operações no Brasil, oferecendo uma variedade de serviços financeiros que incluem banco de varejo, banco de investimento, gestão de ativos e serviços bancários corporativos. A presença desses bancos estrangeiros trouxe concorrência e inovação para o sistema financeiro brasileiro, contribuindo para sua modernização e crescimento.

Um dos legados da ditadura militar foi a hiperinflação desenfreada, que era um dos principais problemas econômicos do Brasil antes da introdução do Real. Conforme Prado (2020), a criação da nova moeda estava intrinsecamente ligada ao combate à inflação, e o Plano Real trouxe estabilidade de preços. A inflação anual, que atingiu taxas astronômicas de mais de 2.000% em 1993, foi reduzida a níveis muito mais controláveis. O Real proporcionou estabilidade monetária e confiança na moeda. Isso permitiu que os brasileiros tivessem uma moeda mais estável e previsível para suas transações financeiras, estimulando a poupança e o

investimento. Com o controle da inflação, as taxas de juros no Brasil também começaram a cair. Isso teve impacto direto nos mercados financeiros, levando a taxas de juros mais baixas em empréstimos e financiamentos, o que, por sua vez, impulsionou o mercado de crédito e investimento. Prado (2020), também ressalta que a estabilidade econômica proporcionada pelo Real atraiu investidores estrangeiros, resultando em um aumento do investimento direto estrangeiro no Brasil. Isso também teve um impacto positivo no mercado financeiro, à medida que novos recursos foram alocados em ações e títulos brasileiros. A estabilidade proporcionada pelo Real incentivou a modernização do sistema financeiro brasileiro. Isso incluiu a expansão de serviços bancários, a introdução de tecnologias financeiras avançadas e a melhoria das práticas bancárias. A criação do Real também trouxe desafios, como a necessidade de regulamentação e supervisão financeira mais rigorosas para garantir a estabilidade do sistema financeiro e proteger os consumidores. Como resultado, foram implementadas regulamentações para garantir a integridade e a segurança do sistema financeiro.

Ao longo da década de 2000, a oferta de serviços bancários online foi expandida, e os bancos tradicionais começaram a oferecer uma gama mais ampla de serviços online, incluindo investimentos, empréstimos e gerenciamento de contas. O surgimento de bancos exclusivamente online começou a ganhar destaque. O Banco Inter, anteriormente conhecido como Intermedium, foi um dos pioneiros no Brasil, fundado em 1994, mas sua presença online se fortaleceu ao longo dos anos. O Nubank, fundado em 2013, se destacou como um banco exclusivamente digital que oferecia cartões de crédito e serviços financeiros sem agências físicas. Outros bancos digitais, como o Banco Inter, também se expandiram e diversificaram seus serviços online. Bancos exclusivamente digitais, como o Nubank e o Banco Inter, continuam a crescer e a inovar em seus serviços, oferecendo uma ampla gama de produtos bancários, incluindo contas correntes, cartões de crédito, investimentos, empréstimos e pagamento de contas. Eles se destacam por sua abordagem centrada no cliente, taxas competitivas e facilidade de uso de seus aplicativos e plataformas online. Esses bancos exclusivamente digitais se beneficiaram da tecnologia para simplificar a experiência do cliente, oferecendo serviços sem taxas ou com taxas mais baixas em comparação com os bancos tradicionais. Eles também estão ajudando a moldar o setor financeiro, incentivando a concorrência e a inovação no mercado bancário brasileiro.

Fialho, Jayme e Hermeto (2016) apontam que é inegável que o Brasil, especialmente a partir da década de 1990, fez esforços para estabelecer mecanismos que facilitassem o acesso ao sistema financeiro. Isso era visto como uma condição crucial para garantir a estabilidade e a

solidez do setor financeiro, ao mesmo tempo em que crescia o interesse em políticas públicas destinadas a reduzir a desigualdade e a pobreza.

Ainda segundo os autores, apesar da concentração bancária observada no país nas últimas décadas, a disponibilidade de serviços financeiros manteve-se constante. Isso se deve, em parte, à expansão de novos pontos de atendimento bancário, como caixas eletrônicos e correspondentes financeiros, além do aumento no número de outras instituições financeiras, como cooperativas e empresas focadas em microfinanças. Análises econométricas realizadas pelo autor indicam uma tendência de relação positiva entre a renda per capita e os indicadores de acesso ao sistema financeiro, como a densidade de agências bancárias, bem como a oferta de serviços de empréstimos e depósitos.

Fialha, Jayme e Hermeto (2016) também destacam que as disparidades de renda, densidade populacional e as dinâmicas intrínsecas do sistema financeiro podem influenciar a concentração da oferta de serviços financeiros em regiões com renda mais elevada, uma conclusão que está alinhada com as análises empíricas anteriores sobre o contexto brasileiro.

Azevedo e Gartner (2020) apontam que as fintechs têm desempenhado um papel fundamental na transformação do cenário financeiro no Brasil, contribuindo significativamente para a redução da concentração bancária. Ao oferecerem serviços inovadores e acessíveis, essas empresas introduzem uma competição saudável no mercado, desafiando os tradicionais players bancários e proporcionando uma maior diversidade de opções aos consumidores. A entrada de novos participantes no setor, muitos dos quais são fintechs especializadas em áreas específicas como pagamentos, empréstimos peer-to-peer e investimentos, cria uma dinâmica mais plural e descentralizada. Isso não apenas quebra a hegemonia dos grandes bancos, mas também impulsiona a inovação, forçando as instituições financeiras tradicionais a se adaptarem e aprimorarem seus serviços.

Ainda conforme Azevedo e Gartner (2020), a desconcentração dos clientes é outra consequência positiva desse fenômeno. Com a variedade de opções proporcionadas pelas fintechs, os consumidores agora têm a liberdade de escolher serviços financeiros mais alinhados com suas necessidades específicas. Isso não apenas empodera os clientes, mas também cria um ambiente onde as instituições financeiras precisam constantemente melhorar para conquistar e manter sua base de usuários.

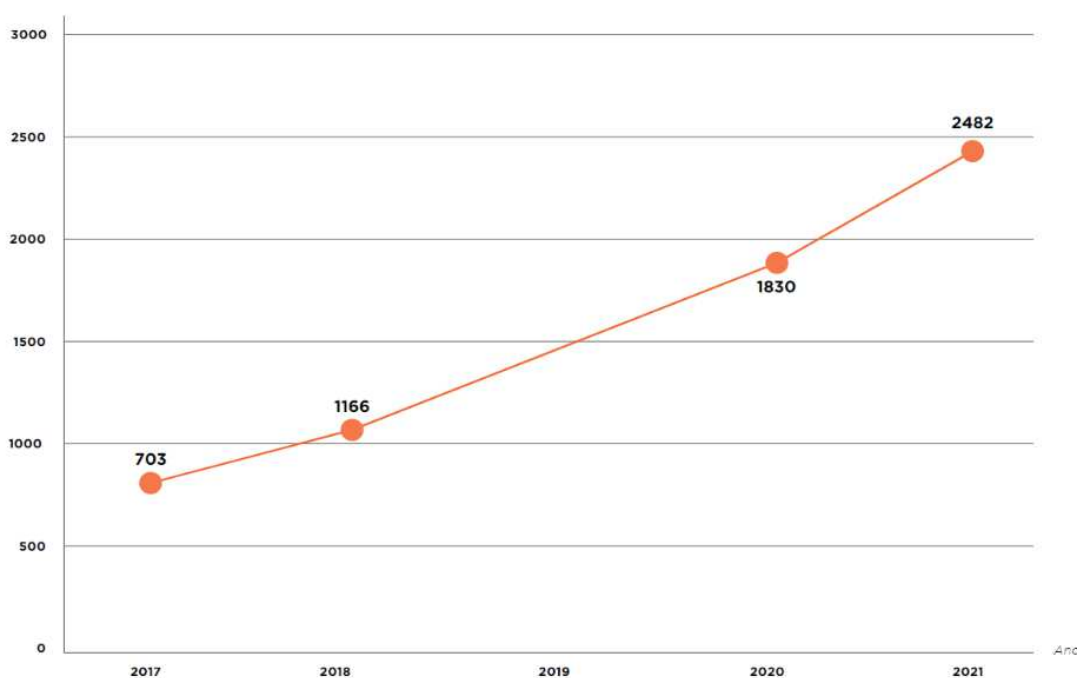
Nesse contexto, ainda conforme os mesmos autores, as fintechs muitas vezes focam em atender segmentos da população que tradicionalmente eram subatendidos pelos grandes bancos, como microempreendedores e consumidores de baixa renda. Isso não apenas amplia o acesso

aos serviços financeiros, mas também contribui para a inclusão financeira, promovendo uma distribuição mais equitativa dos recursos e oportunidades.

4. O PAPEL DAS FINTECHS NO SISTEMA FINANCEIRO BRASILEIRO

Nessa seção, avaliaremos o aspecto de inovação das fintechs no mercado financeiro, iniciando com uma análise no contexto brasileiro. Segundo dados do Inter-American Development Bank (2022) o ecossistema de fintechs na América Latina e no Caribe experimentou um crescimento de 112% desde a última análise realizada 2018. A região viu um aumento significativo de 1.166 para 2.482 plataformas em um período um pouco superior a três anos. A distribuição das plataformas permaneceu relativamente estável em comparação com a análise anterior, com o Brasil liderando com 31% do total, seguido por México (21%), Colômbia (11%), Argentina (11%) e Chile (7%). Enquanto o segmento de Pagamentos continua a ser o mais relevante em termos de número de plataformas, representando 25% do total devido aos avanços regulatórios no Brasil e no México, os setores de Crédito Digital (19%) e Crowdfunding (5,5%) estão ganhando destaque na região. No gráfico a seguir, podemos conhecer mais sobre esse crescimento:

Gráfico 1: Fintechs na América Latina no período de 2017 a 2021



Fonte: Inter-American Development Bank (2022)

Nesse contexto, não podemos entender inovação apenas como introdução de novas tecnologias, mas também como introdução de novas formas de agregar valor para o cliente. As fintechs não oferecem apenas tecnologias, mas especialmente novos produtos e serviços financeiros, facilitando a rotina para seus clientes, que podem comprar um serviço financeiro sem ter que ir a um banco, por exemplo. (WOLFFENBUTTEL, 2018).

A PICPAY é uma fintech brasileira e, conforme descrito em seu endereço eletrônico no em 2023, oferece serviços financeiros por meio de um aplicativo móvel. É amplamente conhecido por permitir que os usuários realizem pagamentos, transferências de dinheiro, recargas de celular, pagamento de contas e compras em estabelecimentos físicos e online, tudo através de um smartphone. Além disso, o PicPay também oferece a funcionalidade de carteira digital, onde os usuários podem armazenar dinheiro em suas contas para facilitar transações futuras. Uma das características distintivas do PicPay é a possibilidade de realizar pagamentos a outras pessoas por meio de QR codes ou até mesmo enviar dinheiro a alguém que não seja um usuário PicPay, tornando-o um aplicativo versátil para transações financeiras. Além disso, o PicPay frequentemente oferece promoções, cashback e recompensas para seus usuários, tornando-o uma opção popular para aqueles que desejam gerenciar suas finanças e fazer transações de forma conveniente e econômica. No entanto, é importante observar que os

detalhes específicos dos serviços e recursos do PicPay podem evoluir ao longo do tempo, portanto, é recomendável verificar as informações mais recentes no site oficial ou no aplicativo.

O PicPay simplificou o processo de pagamento, permitindo que os usuários façam transações com um toque, seja para pagar contas, fazer compras online, transferir dinheiro para amigos ou comprar em lojas físicas. A plataforma permitiu que as pessoas enviassem dinheiro umas para as outras de forma simples e rápida, muitas vezes sem a necessidade de informações bancárias tradicionais, apenas usando números de telefone ou QR codes. O PicPay introduziu a ideia de uma carteira digital, na qual os usuários podem armazenar dinheiro na plataforma para facilitar transações futuras, tornando-a uma opção conveniente para quem deseja gerenciar seu dinheiro de maneira mais ágil. O aplicativo tem desempenhado um papel importante na inclusão financeira, permitindo que pessoas sem contas bancárias tradicionais acessem serviços financeiros por meio de seus smartphones.

O caso do PicPay é um exemplo de como a Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) tem viabilizado a aplicação de uma ampla gama de tecnologias avançadas que estão impulsionando o desenvolvimento do setor financeiro, conhecido como Fintech, ou tecnologia financeira. As fintechs englobam as inovações digitais e novos modelos de negócios que estão revolucionando o setor financeiro. Recentemente, as principais inovações incluíram a adoção de tecnologias como blockchain, inteligência artificial, computação em nuvem, sistemas de consultoria e negociação digital avançados, bem como sistemas de pagamento móvel, que estão evoluindo em uma velocidade impressionante. Ao mudar o modelo de negócio, rompendo com o tradicional banco, a PicPay fideliza clientes que desejam mais celeridade para seus negócios (REZENDE, SILVA e CROCCO, 2021).

O C6 BANK é um banco digital brasileiro relativamente novo que se destacava por sua abordagem inovadora e uma série de recursos distintos. Em primeiro lugar, o C6 Bank oferece uma conta digital gratuita que permite aos clientes realizar transações bancárias básicas, como depósitos, transferências, pagamentos e saques, tudo sem custos mensais. O banco oferece cartões de crédito com opções personalizadas, incluindo cartões sem anuidade, com cashback e outros benefícios. O banco oferece opções de investimento, incluindo CDBs e RDBs com taxas competitivas, permitindo que os clientes apliquem seu dinheiro com facilidade. O C6 Bank enfatiza a tecnologia e a inovação em seus serviços, incluindo recursos como pagamentos por aproximação (NFC), cheques por imagem e controle total de sua conta através de um aplicativo para dispositivos móveis. Os clientes do C6 Bank podem fazer saques em caixas eletrônicos da rede Banco24Horas sem custos adicionais. O C6 Bank oferece um produto chamado CDB Garantido, que assegura o dinheiro investido pelo cliente, tornando-o uma opção segura de

investimento. O banco estabeleceu parcerias com várias empresas, permitindo aos clientes acessar serviços de terceiros diretamente através do aplicativo C6 Bank. O C6 Bank busca proporcionar um atendimento ao cliente eficiente, com opções de suporte online e via chat. (C6 BANK, 2023)

Outra importante Fintech que tem se destacado no mercado financeiro brasileiro é do setor de crédito e foi denominada MEUTUDO. A empresa afirma que começou sua jornada devido ao cansaço em relação ao descaso com milhões de brasileiros. A ausência de transparência e informações, aliada às taxas de juros elevadas, criou um ambiente desfavorável para as pessoas que precisavam de empréstimos. Ela transformou essa situação oferecendo serviços financeiros 100% digitais, com atendimento direto e sem intermediários nas transações, mantendo custos equilibrados. O resultado é o que ela denomina de eficiência, que alterou a maneira como as pessoas encaram o crédito. Afinal, o mais importante para ela é que os indivíduos atinjam seus objetivos da forma mais simples e segura possível (MEUTUDO, 2023).

A MEUTUDO oferece diversos tipos de empréstimos consignados a partir de benefícios sociais, como o Saque-Aniversário, do FGTS, do Auxílio Brasil e do Benefício da Prestação Continuada, determinado pela Lei Orgânica da Assistência Social.

Avaliando essas Fintechs estudadas até aqui, notamos claramente que a inovação é na área de serviços. Elas não oferecem produtos novos, mas sim novas formas de oferecer produtos financeiros. Elas oferecem produtos por meio de serviços online. Vasconcellos e Marx (2011, p. 447):

Num produto tangível, a distinção sobre o que é inovação produto e processo é relativamente simples, uma vez que uma inovação de processo pode não alterar o produto em si. Um exemplo dessa constatação seria a produção de um artefato plástico manufaturado por um inovador processo de injeção plástica. O artefato produzido é rigorosamente o mesmo, o que é inovador é o processo de produção que pode gerar economia de energia elétrica ou menor desperdício para a empresa produtora desse bem tangível. O processo é inovador, não o produto.

É justamente essa percepção que nos interessa aqui. As fintechs mencionadas oferecem o que bancos oferecem há séculos, como mostra nossa revisão histórica. Contudo, o processo é inovador, porque esses mesmos serviços são oferecidos online e de forma muito rápida.

Outro destaque é a Fintech TradresClub, que também inova no processo. Conforme seu endereço eletrônico, ela é uma plataforma brasileira voltada para traders e investidores do mercado financeiro. A plataforma oferece diversas ferramentas e recursos para auxiliar traders e investidores em suas decisões financeiras. Ela atua oferecendo informações em tempo real

sobre diversos ativos financeiros, incluindo ações, criptomoedas, commodities e outros. Além disso, permite que os usuários compartilhem análises, opiniões e estratégias de negociação, promovendo a troca de conhecimento na comunidade. A plataforma também inclui recursos de chat e uma comunidade ativa para interações relacionadas ao mercado financeiro, oferece ferramentas de análise técnica e gráficos avançados para decisões informadas, disponibiliza notícias e análises financeiras para manter os usuários atualizados sobre eventos de mercado, e oferece recursos educacionais para auxiliar traders iniciantes e experientes a aprimorar suas habilidades de negociação.

O que notamos é a mudança na cadeia de valor. Sobre esse aspecto, Feitosa (2021), afirma que, ao oferecer a possibilidade de fazer um empréstimo sem a mediação de um indivíduo, apenas clicando na tela do computador, o valor entregue ao cliente é a facilidade, a rapidez e evita-se o constrangimento de pedir empréstimo a um estranho. As fintechs a seguir são exemplos de empresas que usam essa cadeia de valor.

Uma interessante Fintech também na área de investimentos é a Órama. A Órama é uma plataforma de investimentos brasileira que oferece uma variedade de produtos financeiros e serviços para seus clientes. A empresa disponibiliza uma ampla gama de opções de investimento, incluindo fundos de investimento, Tesouro Direto, CDBs, LCIs, LCAs e outros produtos financeiros. Sua plataforma online permite aos investidores acessar e gerenciar seus investimentos de forma conveniente a partir de qualquer dispositivo com acesso à internet. Além disso, a Órama oferece serviços de assessoria financeira para ajudar os investidores a tomar decisões informadas sobre suas carteiras de investimentos e prioriza o atendimento ao cliente, oferecendo suporte para esclarecer dúvidas e auxiliar os investidores em suas escolhas.

Rezende, Silva e Crocco (2021) explicam que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) desempenham um papel essencial na agilização da disseminação, armazenamento e recuperação de dados por meio de software especializado. Isso resultou na redução dos custos de transação, permitiu uma maior captura, processamento e compartilhamento de informações e levou a um aumento na eficiência, além de provocar mudanças na estrutura de receitas dos bancos. Dessa forma, empresas como a Órama se beneficiam desses avanços. Sob a influência das TICs, as inovações financeiras rapidamente se expandiram e conseguiram contornar o sistema regulatório bancário, como é o caso das fintechs estudadas. A inovação financeira se refere a algo novo que reduz custos, riscos e melhora produtos, serviços e instrumentos financeiros. Essas inovações podem ser categorizadas em novos produtos, como empréstimos, hipotecas e derivativos, ou serviços, como internet banking e transferências eletrônicas de fundos. Além disso, englobam novos processos de produção,

como a avaliação de crédito e o uso de software especializado, e até novas formas organizacionais, como bancos virtuais que existem apenas online, sem agências físicas. Os bancos estão constantemente em busca de novas maneiras de gerenciar suas carteiras e utilizar inovações financeiras para gerar lucro. Eles enfrentam pressões para inovar, seja para contornar restrições regulatórias ou para se destacarem em uma competição acirrada entre instituições. O rápido crescimento e a proliferação de inovações financeiras habilitadas e impulsionadas pelas TICs motivaram os bancos a adotar novas opções, aplicativos e recursos. A Órama aposta justamente nessa nova forma de acesso ao setor bancário, por meio de aplicações de celulares, que são simples de usar. Graças às TICs, surgiram várias inovações financeiras, como derivativos e securitização, que aumentaram a flexibilidade e complexidade da composição do balanço e das operações bancárias. Os bancos passaram a realizar transações fora do balanço, muitas vezes com instituições não financeiras que geralmente não estavam sujeitas a regulamentações (conhecido como Sistema Bancário Sombra Global).

Finalmente, vamos analisar a inovação trazida pela Fintech de câmbio denominada Remessa Online. Conforme seu endereço eletrônico, a Remessa Online é uma fintech brasileira especializada em serviços de câmbio e remessas internacionais. Sua plataforma online oferece uma maneira simples e econômica para os clientes enviarem dinheiro para o exterior. Eles podem realizar transferências internacionais de forma rápida e segura, com a vantagem de geralmente terem acesso a taxas de câmbio mais competitivas em comparação com instituições financeiras tradicionais. A plataforma é projetada para ser amigável e intuitiva, tornando o processo de envio de dinheiro para o exterior fácil de ser realizado. Além disso, os clientes têm a capacidade de rastrear o status de suas transferências online, o que proporciona transparência e segurança. A empresa também oferece suporte ao cliente para esclarecer dúvidas e auxiliar em todo o processo de envio de dinheiro, tornando a Remessa *online* uma opção conveniente para quem precisa realizar transações financeiras internacionais.

De fato, vamos mostrar, na discussão a seguir, que todas essas empresas de fato criam novas realidades, a partir do momento em que ressignificam como a pessoa lida com o tempo em relação aos serviços financeiros. A tecnologia permitiu que a relação que os consumidores tenham com o mercado financeiro seja completamente modificado. Se o tradicional banco significava horas de espera, hoje qualquer pessoa pode investir em poucos minutos.

A contemporaneidade implica em uma relação conflituosa entre o indivíduo e o tempo, porque esse é sempre algo escasso. Dessa forma, ao oferecer serviços típicos do mercado financeiro online – inclusive de consultorias – então essas empresas entregaram uma inovação fundamental na pós-modernidade, que a tecnologia tornou possível.

Plonski (2017) destaca a criação de novas realidades como resultado do processo de inovação. Segundo o autor, há apenas duas décadas atrás, a inovação estava quase exclusivamente associada ao setor secundário da economia, especialmente ao lançamento de produtos industrializados de alta tecnologia e mudanças nos processos de fabricação. Hoje, a inovação é desejada em todos os setores da economia e em diversos segmentos da sociedade. Isso inclui notavelmente os governos, que buscam inovações na gestão pública para atender às crescentes expectativas dos cidadãos, mesmo em um contexto de recursos limitados e falta de confiança nos governantes. A complexidade do processo de inovação advém das interconexões necessárias para que uma nova ideia seja aceita e difundida. Como resultado, a criação de realidades transformadoras pode levar mais tempo do que inicialmente esperado. Um exemplo disso é o período decorrido entre as primeiras trocas de mensagens eletrônicas entre pesquisadores na década de 1960, graças aos avanços na computação compartilhada, e a disseminação do correio eletrônico, que só se tornou comum a partir de 1996. Essa inovação, que hoje é parte integral do cotidiano da população, exigiu uma combinação de fatores, tanto tecnológicos como legais. Para Plonski (2017, p.21) aponta que “(...)a inovação não é um fenômeno uno, mas um gênero múltiplice de iniciativas humanas. Essas iniciativas visam, de forma cada vez mais metódica, à criação de novas realidades. Ocorre que essas realidades atendem a determinados interesses”.

Certamente que os interesses em que movem as fintech são aqueles do capital e o capital flexível neoliberal do século XXI demanda uma nova relação entre o indivíduo e o tempo. Para Foucault (2004), o neoliberalismo não é somente uma ideologia da classe dominante ou uma forma de autorrepresentação da sociedade a si mesma, mas uma forma de governo segundo a qual a grade de inteligibilidade econômica atravessa todas as esferas da vida social, política e subjetiva. Ainda de acordo com o autor, o neoliberalismo se estabelece na liberdade dos sujeitos de escolherem suas próprias vidas entre possibilidades concorrentes sob a pressão de se reinventarem para o mercado.

Em uma sociedade em que o tempo é dinheiro, então o tempo perdido na fila do banco é um tempo inútil, pelo mesmo dentro da lógica do hipercapitalismo, um sistema econômico caracterizado pela concentração extrema de riqueza e poder nas mãos de uma pequena elite, bem como pela exploração intensiva de recursos naturais e humanos (SILVA, 2022). Sobre isso, explicam Aderaldo, Aqui e Severiano (2020, p.361):

Nesse sentido, o discurso da produtividade e do trabalho logo se fazem presentes e centrais na subjetividade e na constituição das identidades humanas, sendo tudo o mais considerado “perda de tempo” e, portanto, digno de condenação. O tempo socioeconômico é aquele historicamente valorizado

pela sociedade do trabalho. Ele se refere ao tempo para suprir necessidades econômicas fundamentais, tais como o trabalho, os estudos, e outras demandas que foram condicionadas, em sua grande maioria, pela sociedade.

O que há em comum entre as Fintechs analisadas é o uso da tecnologia como forma de fidelizar o cliente por meio da rapidez dos serviços online. De fato, todas as empresas analisadas possibilitam que seus clientes estejam onde quiserem e utilizem apenas de poucos minutos para investir, emprestar ou pagar. Sobre isso Frezza, Grisci, Kessler (2021, p. 499) explicam:

Na contemporaneidade, as mudanças no mundo do trabalho têm sido cada vez mais frequentes; são lançadas e implementadas novas formas de gestão, assim como são elaboradas novas estruturas para as empresas. Especificamente para as mudanças referentes a espaço e tempo, que ocorrem em decorrência dessas transformações e que afetam os sujeitos, é importante citar o que alguns autores caracterizam como a desterritorialização do sujeito.

Frezza, Grisci, Kessler (2021) destacam uma transformação fundamental na natureza do trabalho, descrevendo-a como "trabalho imaterial", que desempenha um papel central na produção atual. Eles argumentam que esse processo não se limita apenas à produção em si, mas afeta todo o ciclo de reprodução e consumo, moldando não apenas a forma como produzimos, mas também como reproduzimos subjetividade. Dessa forma, a possibilidade de consumir online, especialmente serviços financeiros, é faz sentido nessa relação que o indivíduo estabelece com seu trabalho. Esse processo de transformação ocorre através de fluxos constantes e acelerados de imagens, informações, conhecimento e serviços acessados frequentemente pelas pessoas. Esses fluxos influenciam a maneira como vemos o mundo, como sentimos, pensamos, explicamos, experimentamos e trabalhamos. Em essência, eles impactam a forma como vivemos, absorvendo nossas vidas de maneira profunda. É importante ressaltar que essa transformação também está intrinsecamente ligada às dimensões de tempo e espaço, enquanto simultaneamente molda e é moldada por essas categorias.

Na subjetividade contemporânea, ter que esperar em um fila de banco ou ter que se deslocar até um escritório para fazer um investimento não é mais cabível. Por isso, a inovação das fintechs analisadas é justamente diminuir tempo e distância.

CONCLUSÃO

A tecnologia tem sido uma força motriz fundamental para o desenvolvimento econômico em todo o mundo. Um olhar para a história, desde a revolução industrial no século XVIII, mostra que a tecnologia induz desenvolvimento. No contexto atual, as tecnologias

digitais impulsionam novas formas de conduzir negócios, mediados pela internet. Os fluxos econômicos, especialmente do mercado financeiro, podem ser realizados mediando poucos cliques na tela de um celular. Foi nesse contexto que surgem soluções para o mercado financeiro, possibilitando a entrega de novos players e ampliando a competição.

No contexto brasileiro, as fintechs, empresas que combinam finanças e tecnologia, representaram uma importante forma de desconcentração bancária no Brasil. Elas têm um amplo potencial para melhorar a economia do Brasil, facilitando o crédito, investimentos, pagamentos e as trocas cambiais. A hipótese dessa pesquisa foi a de que a fase atual do capitalista estabelece uma nova relação entre os indivíduos, o tempo e o espaço, e que as fintechs inovam justamente porque permitem que as relações que os sujeitos estabelecem com o mercado financeiro são justamente marcadas pelo imediatismo do aplicativo no celular, sem demandar deslocamentos ou tempo de espera.

Ao analisar as Fintechs, mostramos que uma das contribuições mais significativas delas está na inovação em termos de tempo. Essas empresas estão transformando a relação que as pessoas têm com o mercado financeiro, tornando-o mais acessível do que nunca. Por meio de aplicativos móveis e plataformas *online*, os brasileiros podem agora acessar uma ampla gama de serviços financeiros, desde investimentos e empréstimos até pagamentos e transferências de dinheiro, com apenas alguns toques na tela de seus celulares. Essa acessibilidade é particularmente relevante em um país tão vasto quanto o Brasil, onde nem todos têm fácil acesso a agências bancárias físicas.

Além da acessibilidade, as fintechs estão introduzindo novos players no mercado financeiro, por meio de inovação. Elas estão simplificando processos, reduzindo custos e oferecendo taxas mais competitivas, o que beneficia tanto os consumidores quanto as empresas. Isso, por sua vez, aumenta a concorrência no setor financeiro, estimulando a melhoria dos serviços e a redução de taxas em instituições financeiras tradicionais. A concorrência saudável é um motor importante para o desenvolvimento econômico.

Mostramos também que as fintechs são estratégias de desconcentração do sistema bancário, fornecendo soluções de investimento e ajudando a criar uma cultura de investimento no Brasil. Isso, por sua vez, tem o potencial de promover o crescimento de pequenas empresas e impulsiona a economia como um todo.

No contexto econômico, as fintechs exemplificam como a tecnologia pode trazer inovação e desenvolvimento econômico. Sua capacidade de tornar o mercado financeiro acessível a todos por meio de dispositivos móveis está revolucionando a maneira como os brasileiros lidam com suas finanças, ao mesmo tempo em que impulsiona a eficiência e a

competição no setor. Essas empresas estão desempenhando um papel crucial no desenvolvimento econômico do Brasil e representam um exemplo notável de como a tecnologia pode ser uma força positiva para o progresso econômico.

As empresas analisadas mostram como a introdução de inovação e tecnologia no mercado financeiro possibilitam mais escolhas para consumidores. O PicPay, por exemplo, atua como um player inovador no mercado financeiro ao oferecer uma solução de pagamento digital completa. Além de facilitar transações financeiras cotidianas, o PicPay incorpora funcionalidades como cashback e pagamento de contas, proporcionando uma experiência abrangente e simplificada para os usuários, redefinindo a interação com serviços financeiros.

Por sua vez, o C6BANK destaca-se como um player inovador ao proporcionar uma abordagem moderna e digitalizada para serviços bancários. Sua proposta vai além das instituições tradicionais, integrando conta corrente, cartões de crédito, e até mesmo investimentos, tudo por meio de uma plataforma intuitiva e de fácil acesso, proporcionando uma experiência bancária mais ágil e personalizada.

A fintech Meu Tudo inova no mercado financeiro ao oferecer uma plataforma de gestão financeira pessoal que visa simplificar e otimizar o controle do dinheiro. Integrando orçamento, metas financeiras e acompanhamento de gastos, a empresa proporciona uma abordagem centrada no usuário para promover uma relação mais consciente e saudável com as finanças.

Temos o caso da TradersClub, que se destaca como um player que garante inovação ao fornecer uma plataforma de networking e educação financeira para investidores. Agregando informações, análises de mercado e a possibilidade de interação entre traders, a empresa cria um ambiente colaborativo que estimula a troca de conhecimentos, promovendo inovação e aprendizado contínuo no mercado financeiro. A Órama também atua como um player inovador ao oferecer uma plataforma de investimentos online. A empresa proporciona acesso a uma ampla gama de opções de investimento, incluindo fundos de investimento e renda fixa, democratizando o acesso a oportunidades de investimento antes reservadas a um público mais restrito, inovando na democratização do mercado financeiro.

Por sua vez, a Remessa Online destaca-se como um player inovador ao simplificar o processo de envio e recebimento de remessas internacionais. Utilizando tecnologia para otimizar taxas e prazos, a empresa proporciona uma alternativa eficiente e transparente em comparação com os métodos tradicionais, inovando na facilitação de transações financeiras internacionais.

A inovação tecnológica no setor financeiro desencadeou uma transformação significativa, resultando em uma crescente desconcentração bancária e na oferta de novas escolhas para os clientes. Com a ascensão de fintechs e plataformas digitais, os consumidores agora têm à disposição opções mais flexíveis e personalizadas para suas necessidades financeiras. A agilidade, simplicidade e acessibilidade oferecidas por essas inovações desafiam o modelo tradicional dos bancos, proporcionando aos clientes uma variedade de serviços, desde pagamentos até investimentos, por meio de interfaces intuitivas. Esse cenário impulsionou a desconcentração da fidelidade bancária, permitindo aos clientes explorar alternativas inovadoras que se alinham mais de perto às suas expectativas, redefinindo assim a dinâmica entre os consumidores e as instituições financeiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, M. DE A.; GARTNER, I. R. Concentração e Competição no Mercado de Crédito Doméstico. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 24, n. 5, p. 380–399, set. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/fq5PP939sWwbcGyj6ymDmpq/abstract/?lang=pt#ModalHowcite> e. Acesso em: 10 nov.2023.
- CANCI, E. Crescimento econômico e inovação: uma estimativa da fronteira de possibilidades de inovação. *Brazilian Journal of Political Economy*, v. 41, n. 1, p. 155–175, jan. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rep/a/ZTrVSCMFWrZrN6FcdgmSDLS/#ModalHowcite>. Acesso em: 10 out.2023.
- COSTA, A. B. DA. **Teoria econômica e política de inovação**. *Revista de Economia Contemporânea*, v. 20, n. 2, p. 281–307, maio 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rec/a/Gc4pQGMMGy7RhJNzQJhJb5d/?lang=pt#>. Acesso em: 10 out.2023.
- COSTA, A. J. D.; SOUZA-SANTOS, E. R. DE. Indústria bancária brasileira: evidência da formação de instituições financeiras multinacionais. *Revista de Economia Contemporânea*, v. 18, n. 2, p. 241–266, maio 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rec/a/7gHMmK9psdTLP6sx3zyL5Vy/?lang=pt#ModalHowcite>. Acesso em: 10 out.2023.
- C6BANK. Disponível em: <https://www.c6bank.com.br/>. Acesso em: 11 out.2023.

- FEITOSA, C. D. M. G. B. FINTECHS: IMPACTOS NA PERFORMANCE FINANCEIRA DO MERCADO BANCÁRIO BRASILEIRO. *Revista Debates em Economia Aplicada – REDEA*, [S. l.], v. 1, n. 1, 2021. Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/redea/article/view/6092>. Acesso em: 31 out. 2023.
- FREZZA, M.; GRISCI, C. L. I.; KESSLER, C. K. Tempo e espaço na contemporaneidade: uma análise a partir de uma revista popular de negócios. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 13, n. 3, p. 487–503, jul. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/tzCWL3R7jvDMZn4LQXY5jf/#ModalHowcite>. Acesso em: 12 out. 2023.
- FIALHO, T. M. M.; JAYME JR, F. G.; HERMETO, A. M. Desenvolvimento do sistema financeiro e pobreza no Brasil: uma análise multivariada. **Economia e Sociedade**, v. 25, n. 1, p. 247–278, jan. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ecos/a/PLJwWq5y8LGhFLvySjhyCFq/#ModalHowcite>. Acesso em: 12 out. 2023.
- FOUCAULT, M. *Naissance de la biopolitique*. Paris: Seuil; Gallimard, 2004.
- FREDDO, D.; VARGAS, J. Quais as relações institucionais entre o passado colonial da economia brasileira e o desenvolvimento do seu sistema financeiro? **Nova Economia**, v. 33, n. 1, p. 235–261, jan. 2023.
- KOUAM, H. e KINGSLEY, K.M. Development of Innovation in Economics. **Open Access Library Journal**, 10, 1-10, 2023. Disponível em: <https://www.scirp.org/journal/paperinformation.aspx?paperid=126027>. Acesso em: 11 nov. 2023.
- INTER-AMERICAN DEVELOPMENT BANK. **Fintech in Latin America and the Caribbean: A Consolidated Ecosystem for Recovery**. NY: A&S Information Partners, 2022. Disponível em: <https://publications.iadb.org/es/fintech-en-america-latina-y-el-caribe-un-ecosistema-consolidado-para-la-recuperacion>. Acesso em: 10 nov. 2023.
- MARQUES, F. B.; FREITAS, V.; PAULA, V. A. F. DE . Cadê o banco que estava aqui? O impacto dos bancos digitais no mercado brasileiro. *JISTEM - Journal of Information Systems and Technology Management*, v. 19, p. e202219002, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jistm/a/cwsXS5GScbCvYjYsCDzrQ3b/#ModalHowcite>. Acesso em: 12 out. 2023.
- MASCARENHAS, A. B. et al. The Influence of Perceptions of Risks and Benefits on the Continuity of Use of Fintech Services. *BBR. Brazilian Business Review*, v. 18, n. 1, p. 1–21, jan. 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/bbr/a/QnbXC6Rty7crb4WTdT6xsBy/?lang=pt#ModalHowcite>.

Acesso em: 12 out.2023.

MEUTUDO. Disponível em: <https://meutudo.com.br/sobre/>. Acesso em: 12 out.2023.

MEIRELLES, J.G. **A família real no Brasil**: política e cotidiano (1808-1821) [online]. São Bernardo do Campo: Editora UFABC, 2015, 91 p. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/j56gd/pdf/meirelles-9788568576960.pdf>. Acesso em: 12 out.2023.

ÓRAMA. Disponível em:

https://www.orama.com.br/?utm_source=google&utm_medium=link-patrocinado&utm_campaign=marca&utm_term=b2c&utm_content=conv-branding-texto-responsivo&gclid=Cj0KCCQjw1aOpBhCOARIsACXYv-dmQMp0RJ0we8IIRF_coPk3d73Lnt4zemAu0rSzi6T0zMbg3gxcbTcaAs3qEALw_wcB.

Acesso em: 12 out.2022.

METZNER, T.D.; MATIAS, A.B. O setor bancário brasileiro de 1990 a 2010. São Paulo: Editora Manole, 2015

PICPAY. Disponível em: <https://picpay.com/>. Acesso em: 12 out.2023.

PLONSKI, G. A. Inovação em transformação. Estudos Avançados, v. 31, n. 90, p. 7–21, maio 2017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ea/a/3Vmk8zqHbrVcgBwhMTyTC7d/#ModalHowcite>. Acesso em: 12 out.2023.

PRADO, M.C.R.M. A real história do Plano Real. São Paulo: E-galáxia, 2020

REMESSA ONLINE. Disponível em:

https://www.remissaonline.com.br/?utm_id=8621610621&matchtype=e&placement=&adgroup_id=89840137154&loc_interest_ms=1001773&loc_physical_ms=9100498&network=g&target=&adposition=&utm_term=remessa%20online&utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=RM_Search_Desk_Brand_BR_PF&utm_content=587342157282&hsa_net=adwords&hsa_grp=89840137154&hsa_mt=e&hsa_tgt=kwd-315100559730&hsa_kw=remessa%20online&hsa_src=g&hsa_acc=4754839251&hsa_cam=8621610621&hsa_ver=3&hsa_ad=587342157282&gclid=Cj0KCCQjw1aOpBhCOARIsACXYv-cd85C2gnD2mUYXVKXLhCJRe_52X-eEDcyxz_neBwNbszs5smzXf4caAojisEALw_wcB.

Acesso em: 12 out.2023.

REZENDE, Luiz Paulo Fontes de; SILVA, Fernanda Faria; CROCCO, Marco. Tecnologia de comunicação e informação no setor bancário brasileiro: a funcionalidade importa? Cad. EBAPE.BR, v. 19, n. 4, Rio de Janeiro, Out./Dez. 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cebape/a/sY3trKBJW3X5RqjfTftsJdp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 out. 2023.

SCHNEIDER, V. C.; LEÃO JÚNIOR, J. C. B.; CARVALHO, Í. B. Fintech: A internacionalização dos serviços financeiros. *RCA - Revista Científica da AJES*, Juína/MT, v. 10, n. 21, p. 107-121, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://www.revista.ajes.edu.br/index.php/rca/article/view/486/398>. Acesso em 13 de outubro de 2023.

SCHUMPETER, J. **Capitalismo, Socialismo e Democracia**. São Paulo: Editora, 2021.

TRADERSCLUB. Disponível em: https://tc.tradersclub.com.br/channels/light/m8br18nuxifa3jkm5opbqd7h4c?display_name=Master&_gl=1*_dnkk94*_ga*MTM1MjkzMDQ3MC4xNjk3MjI5MzU5*_ga_04JRJYZ32H*MTY5NzIyOTM1OS4xLjEuMTY5NzIyOTU0My4zMS4wLjA. Acesso em: 10 out.2023.

VASCONCELLOS, L. H. R.; MARX, R. Como ocorrem as inovações em serviços? um estudo exploratório de empresas no Brasil. *Gestão & Produção*, v. 18, n. 3, p. 443–460, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gp/a/Wct69rDkQ8hxjyS8bFchMPN/#ModalHowcite>. Acesso em: 11 out.2023.

WOLFFENBUTTEL, R. F. Inovação econômica: trajetórias e contribuições de uma agenda de pesquisa sociológica. *Sociologias*, v. 20, n. 48, p. 310–323, maio 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/G9JsmYB6zKxwC58hgLR8mNM/#ModalHowcite>. Acesso em: 10 out.2023.

BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2023 Disponível em <https://www.bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/fintechs>. Acesso em: 16 dez.2023